

**Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro**  
**Estudo 8 - "A responsabilidade é pessoal"**  
**Ezequiel 11 a 20**

Elaborado por Pedro Vieira Veiga  
pedrovieiraveiga@hotmail.com

Os capítulos que estaremos discutindo hoje são profecias contra Judá. Mas antes de considerarmos a mensagem propriamente dita, vamos rever uma pergunta que tem perturbado alguns estudiosos da Bíblia.

Onde Ezequiel desempenhou o seu ministério? Se o texto não dá indícios de que ele tenha deixado a Babilônia, como é que ele teve informações tão precisas acerca do que se passava em Judá? Muitas teoria já foram elaboradas para tentar resolver este dilema, mas a opinião predominante continua sendo que Ezequiel – sendo um servo de Deus e um homem bem informado – jamais teve de deixar o exílio para saber daquelas coisas.

Ezequiel, portanto, sabia que após o primeiro cerco e a primeira deportação – na qual ele estivera incluído – Zedequias tornara-se o rei de Judá. E ele sabia que, infelizmente, estes eventos trágicos não haviam sido suficientes para que o rei e o povo se dessem conta do seu pecado. Era como se o castigo terrível que o Senhor enviara tivesse sido em vão.

O profeta sabia que o Senhor não permitiria que esta situação perdurasse. Ele sabia que Deus amava seu povo e não mediria esforços para ensiná-lo o caminho reto. Por isso, ele retomou a analogia do casamento entre o Senhor e Israel para falar do que haveria de acontecer. Nós faremos o mesmo.

Atolar o carro nunca é bom, mas naquelas condições era péssimo! Estava frio, chovia e, pior ainda, o sol acabara de se

pôr. Dr. Ezequiel saltou e, olhando para a quantidade de lama na qual seu carro afundara, viu que qualquer tentativa de resolver aquele problema sem ajuda acabaria em fracasso. Não muito longe dali, havia uma casa bem humilde em meio ao mar de pasto. Resolveu ir até lá ver se encontrava uma alma caridosa – ou pelo menos uma pá.

Chegando mais perto, ele logo percebeu que pela pequena janela um homem o observava serenamente. Logo ele saiu da casa e o saudou, estranhamente consciente dos seus pensamentos: “Olá. Hoje seu carro não sai mais daquele atoleiro. Mas amanhã de manhã, se a chuva parar mesmo, é outra história. Se você quiser, pode passar a noite aqui. Não tem muito conforto, mas é melhor que ficar no carro...” O doutor ficou muito surpreso ao ouvir aquilo. Mas o homem falara com tanta convicção que ele nem quis argumentar. Agradecendo, aceitou o convite – a casa lhe parecia estranhamente acolhedora.

“Sente-se,” disse o homem, “vou trazer um café.” Enquanto esperava, Dr. Ezequiel passou os olhos pelo cômodo – o único da pequena casa. Ele viu poucos móveis bem rústicos, o chão de terra batida, e um retrato na parede. Era de uma jovem muito bonita. Ela sorria, contente. Ele levantou-se e se aproximou para observá-la melhor. Nesse momento o homem voltou e percebeu o que estava acontecendo, mas não disse nada. Apenas sentou-se à mesa e, com um gesto, indicou que o doutor fizesse o mesmo. Quando este já bebia o café bem quente,

ele olhou nos seus olhos e, sem qualquer explicação, começou a contar-lhe a história.

“Eu era só um rapaz quando a encontrei, e ela apenas uma criança. Estava chorando – estava com fome. Imagino que seus pais a haviam deixado à beira da estrada.” Dr. Ezequiel presumiu que ele falava da moça na foto. Ele a levava para a sua casa. Seus pais não queriam recebê-la – seria mais uma boca para alimentar e eles eram realmente muito pobres. Mas ele insistiu. Disse que daria um jeito de arcar com as despesas. Por fim eles concordaram.

Os anos se passaram e ela cresceu. Ele, contudo, quase não pudera testemunhar isto. Por causa do seu compromisso, trabalhava incessantemente. A sua vida não fora fácil. Mas e daí? Ela se tornara uma jovem linda. Seu sorriso encantava a todos e, por fim, acabou por encantar também a ele. Após algum tempo, no qual ele manteve o mais absoluto sigilo acerca do que se passava no seu peito, ele resolveu perguntar-lhe se queria se casar-se com ele. Para o seu espanto, ela disse que era o que mais desejava.

“Os primeiros anos de nosso casamento foram os melhores da minha vida”, ele disse. Só que logo as coisas começaram a dar errado. Ele foi o primeiro a perceber que ela deixara de lhe ser fiel. A princípio ele quis pensar que logo ela se daria conta do tamanho do seu erro. Mas as suas escapadas persistiram e se tornaram cada vez mais frequentes. Todos já discutiam abertamente a sua vida familiar. Apesar da vergonha, ele permaneceu em sua casa – a casa que a tanto custo haviam construído juntos. Até que um dia ele finalmente se convenceu de que ela não abriria mão da sua infidelidade daquela forma.

Então, no dia seguinte, ele esperou que ela saísse de casa, foi até a praça e trouxe de lá alguns homens. Apontando para a sua casa ele disse a eles: “você estão vendo isso aqui? Tudo o que está dentro mais o terreno é de vocês desde que, até o anoitecer, não sobre aqui pedra sobre pedra.” Os homens ficaram surpresos com a sua proposta, mas aquilo não deixava de ser um ótimo negócio. Rapidamente eles levaram os móveis e tudo mais que estava dentro da casa e voltaram com suas ferramentas.

Quando ela chegou, à noite, encontrou-o sentado sobre o monte de entulho em que a sua casa se transformara. O seu desespero era evidente. Ele então olhou nos seus olhos e disse que estava indo para aquela casinha, onde um de seus patrões havia concordado em deixar-lhe morar. “Se você se arrepender da vida que tem levado, pode vir também.”

Ele chegara ali com a roupa do corpo e aquele retrato há alguns dias. Ela não viera.

E assim, da mesma forma que ele começou a história, ele terminou-a. Agora ele olhava para o retrato, tranqüilamente, como se nada tivesse acontecido.

“Mas...” O doutor disse, como se tivesse acabado de sair de um sonho, “mas você acha que ela virá?”

“Eu não sei.” Ele respondeu, sem tirar os olhos do retrato. “Acho que ver a casa destruída daquela forma... Vi nos seus olhos que ela finalmente se deu conta de como ela me tratara. Mas também vi a sua vergonha. Talvez ela pense que eu não irei perdoá-la. Que besteira...”

“Que besteira?” Pensou Dr. Ezequiel. “Que homem era este que estava disposto

a perdoar uma mulher destas?” Mas antes que ele pudesse perguntar mais qualquer coisa o homem tirou os olhos do retrato e fixou-lhes novamente sobre ele. “É hora de dormir. Amanhã resolveremos o seu problema – a chuva parou.” Ele apontou para a esteira no canto do cômodo e foi, ele mesmo, para um pequeno e velho sofá no outro canto. Em alguns minutos ele já ressonava lentamente.

A mensagem do profeta Ezequiel para Judá foi, em linhas gerais, esta que nós vimos: vocês são como a esposa infiel e o Senhor é o marido traído. Ele ira castigá-los cada vez mais ferozmente. Mas surpreendentemente, o profeta não disse apenas isto. Ele disse também que, apesar de o juízo de Deus cair sobre a nação

inteira, mesmo assim cada pessoa teria o direito de escolher o seu próprio caminho – se os pais comem uvas verdes, os dentes dos filhos não se embotam! Ou seja, ao mesmo tempo que a responsabilidade pelos pecados é da nação, ela também é de cada um. Cada um tem o direito agir corretamente e de ser declarado justo pelo Senhor.

Esta chamada para a responsabilidade pessoal que é encontrada tão claramente neste livro é uma grande novidade no Antigo Testamento. Agora ficara claro que Deus estava de olho em cada um. Esta mudança foi fundamental para a chegada do evangelho, não é mesmo?

Até a semana que vem.